



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
PROGRAMA ESCOLA DA TERRA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA
PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

SIMONE BARROS DE SOUZA

**ANCESTRALIDADE E LITERATURA DE CORDEL:
UMA EXPERIÊNCIA LEITORA E ESCRITORA EM SALA DE AULA NA
ESCOLA DO CAMPO**

SUMÉ - PB

2024

SIMONE BARROS DE SOUZA

**ANCESTRALIDADE E LITERATURA DE CORDEL:
UMA EXPERIÊNCIA LEITORA E ESCRITORA EM SALA DE AULA NA
ESCOLA DO CAMPO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação
Contextualizada para a Convivência
com o Semiárido da Universidade
Federal de Campina Grande como
requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Educação
Contextualizada**

Orientador: Professor Dr. Erivan Silva.

SUMÉ - PB

2024



S729a Souza, Simone Barros de.
Ancestralidade e literatura de cordel: uma experiência leitora e escritora em sala de aula na escola do campo. / Simone Barros de Souza. - 2024.

31 f.

Orientador: Professor Dr. Erivan Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido.

1. Literatura de cordel e ancestralidade. 2. Leitura e escrita. 3. Escola do campo. 4. Educação do Campo. 5. Ancestralidade. 6. Vozes ancestrais. 7. Educação Contextualizada. 8. Cordel de autoria feminina. 9. Heroínas negras brasileiras - Jarid Arraes. 10. Cordel cearense - Jarid Arraes. I. Título. II. Silva, Erivan.

CDU: 37.018(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

SIMONE BARROS DE SOUZA

**ANCESTRALIDADE E LITERATURA DE CORDEL:
UMA EXPERIÊNCIA LEITORA E ESCRITORA EM SALA DE AULA NA
ESCOLA DO CAMPO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Contextualizada.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Erivan Silva.
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG

Professor Me. Alisson Clauber Mendes de Alencar.
Examinador Externo I – SEDUC / Sumé-PB

Professor Dr. Leandro de Sousa Almeida.
Examinador Externo II – SEDUC / Sumé-PB

Professor Me. Rafael Barros de Sousa.
Examinadora Interna - UATEC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 24 de novembro de 2024.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por estar sempre ao meu lado me ajudando nos momentos difíceis da minha vida, e pelos sonhos realizados....

Aos meus familiares pessoas que são importantes em minha vida, os meus queridos pais Genival de Souza e Rita Barros de Souza pelo carinho e amor por mim.

A Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade e ao diretor Bruno que colaborou para que eu pudesse fazer minha pesquisa.

A Turma do 7º ano por aceitar a fazer as atividades da pesquisa em cada etapa.

Os meus agradecimentos ao meu orientador Erivan Silva, que aceitou me orientar.

Ao Prof. Examinador I Rafael Barros

Ao Prof. Examinador II Alisson Clauber

Aos amigos e professores com quem dialoguei e aprendi durante o Curso de Especialização aos tutores por terem me ajudado nos momentos de dúvidas Ednilton, Alisson Clauber, Leandro Almeida.

RESUMO

A presente pesquisa foi planejada e realizada a partir da perspectiva da formação de leitores na Escola do Campo. Ao pensar o problema do não gosto pela leitura por parte substancial dos alunos e alunas, que não se sentem motivados a ler e conseqüentemente dialogar e escrever sobre o que foi lido, assim, se faz necessário pensar estratégias para impactar de modo positivo os momentos de leitura em sala de aula. Diante disso, tomamos como base a literatura de Cordel, que é uma forte aliada na formação de leitores críticos e engajados com o ato de ler. A obra escolhida para nortear boas práticas de leitura foi *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (2020), da autora cearense Jarid Arraes, obra esta, que inspirou não só a leitura, mas também a perspectiva do resgate e registro de narrativas reais de mulheres negras da comunidade de PIO -X, local onde os alunos e alunas estão inseridos. Assim, os leitores e leitoras se tornaram produtores de textos literários em formato de cordel, a fim de evidenciar as vozes que estão tão próximas da comunidade escolar, mas que não fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, no entanto potencializam a aproximação com a comunidade local e propicia uma perspectiva de leitura de mundo e da leitura da palavra de vozes ancestrais da comunidade.

Palavras-chave: Leitura e Escrita; Literatura de Cordel; Escola do Campo; Vozes Ancestrais

ABSTRACT

This research was planned and carried out from the perspective of reader training at Escola do Campo. When thinking about the problem of distaste for reading on the part of a substantial portion of male and female students, who do not feel motivated to read and consequently dialogue and write about what has been read, it is therefore necessary to think of strategies to positively impact moments of reading in the classroom. Given this, we took Cordel's literature as a basis, which is a strong ally in the formation of critical readers who are engaged in the act of reading. The work chosen to guide good reading practices was *Brazilian Black Heroines: in 15 Cordéis* (2020), by Ceará author Jarid Arraes, a work that inspired not only reading, but also the perspective of rescuing and recording real narratives of women black women from the PIO -X community, where the students are located. Thus, readers became producers of literary texts in cordel format, in order to highlight the voices that are so close to the school community, but that are not part of the teaching and learning process, however they enhance the rapprochement with the local community and provides a perspective on reading the world and reading the words of the community's ancestral voices.

Keywords: Reading and Writing; Cordel Literature; Country School; Voices Ancestors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barboza de Andrade.....	17
Figura 2 -	Reunião de planejamento com o orientador.....	18
Figura 3 e 4 -	Apresentação do livro para os alunos e leitura dos cordéis....	18
Figura 5 -	Construção do Questionário.....	19
Figura 6 e 7 -	Visita feita à dona Zefa Preta.....	20
Figura 8 -	Capa do Cordel.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	LEITURA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL.....	11
3	MULHERES: VOZES QUE ECOAM NA SOCIEDADE.....	13
4	LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA.....	16
5	RELATO ANALÍTICO DA PRODUÇÃO DE CORDEL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	17
5.1	ESCOLA JOSÉ BONIFÁCIO BARBOSA DE ANDRADE.....	17
5.2	PLANEJAMENTO.....	18
5.3	APRESENTAÇÃO DOS CORDÉIS E DO LIVRO PARA OS ALUNOS.....	18
5.4	ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO ENTREVISTA FEITOS PELOS ALUNOS PARA SER APLICADO NA SENHORA ESCOLHIDA DA COMUNIDADE DE PIO X.....	19
5.5	AULA DE CAMPO - VISITA FEITA À DONA ZEFA PRETA.....	20
5.6	PRODUÇÃO DO CORDEL SOBRE DONA ZEFA PRETA E SUA REPRESENTATIVIDADE DENTRO DA COMUNIDADE.....	20
5.7	CULMINÂNCIA DE SOCIALIZAÇÃO.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICES.....	28

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre formação de leitores e práticas leitoras na educação básica vêm se acentuando nos últimos anos, dada a grave deficiência nas práticas leitoras no âmbito educacional brasileiro no tocante às escolas e universidade, além de uma conjuntura deficiente no que concerne à leitura em outras esferas, especialmente familiar. Resolvi fazer esse estudo mediante a preocupação com o baixo nível de leitura, pelo que recuperei dados a seguir que ilustram esta problemática:

- (1) A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) destacou que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. Com publicação em 2020, esta mesma pesquisa, com dados atuais de 2019, afirmou que entre 2015 e 2019, o Brasil perdeu cerca de 4,6 milhões de leitoras(es), visto que houve menos tempo dedicado aos livros e mais às redes sociais, tendo estas(es) leitoras(es) grau de ensino superior.
- (2) O *Ministério da Cultura do Brasil* constatou que há um baixo índice de leitoras(es) brasileiras(os), visto que a quantidade de aquisição de livros per capita é de 1,7 livros adquiridos por ano, o que indica que o país está abaixo de outros com índice de pobreza maior.
- (3) O *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira* (INEP) e o *Programa Internacional de Avaliação de Alunos* (PISA), ambos com dados de 2012, indicaram um baixo desempenho de leitura por parte das(os) estudantes brasileiras(os). Em pesquisa mais atual, com dados de 2018, o PISA declarou que estudantes brasileiras(os) com 15 anos de idade têm baixa proficiência em leitura, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação.
- (4) O *Indicador de Alfabetismo Funcional* (INAF) de 2012, mostrou que 38% das(os) universitárias(os) brasileiras(os) não dominam habilidades básicas de leitura e escrita apropriadas ao seu nível de escolaridade. Com dados de 2018, o INAF afirmou que 4% das(os) estudantes que ingressaram no

ensino superior eram considerados analfabetos funcionais.

Motivada a somar esforços na melhoria deste cenário, pelo menos no âmbito das minhas salas de aulas, tratei de investigar as potencialidades da leitura de poesia de cordel que narra a trajetória de mulheres negras silenciadas e apagadas da história oficial do nosso país. Assim, o intuito foi promover a formação leitora mediada pela literatura de cordel, a fim de promover conscientização sobre pautas raciais e de gênero para os jovens estudantes do ensino fundamental 2.

Tomei como apoio a coletânea *Heroínas Negras Brasileiras Em 15 Cordéis*, de autoria de Jarid Arraes, pelo que realizei a escolha de dois cordéis, a saber: Carolina Maria de Jesus e Dandara dos Palmares. A escolha desse livro se deu por causa à literatura de cordel uma forma de incentivar os alunos gosto pela leitura e também na produção de um cordel sobre uma mulher negra da comunidade do PIO X.

A pesquisa, portanto, parte da seguinte questão-problema: **como estimular o gosto pela leitura que tematize histórias de mulheres negras mediante a literatura de cordel na sala de aula?** Essa interrogação me leva a hipótese de uma mediação de leitura e escrita em que se considere as vozes negras como potência para a criação de histórias de vida e resistência na comunidade PIO X, com o intuito de inspirar os alunos na prática de leitura e escrita criativas que venham a culminar na produção de um cordel.

A escolha pela coletânea *Heroínas Negras Brasileiras Em 15 Cordéis* e, especialmente pelos cordéis das mulheres Carolina Maria de Jesus e Dandara dos Palmares, se deu devido por que elas retratam um pouco da história delas, onde lutaram pela sua liberdade e pelos os seus direitos de mulheres negras usaram de sua voz para ocupar seus espaços e que foram símbolos de resistência e nada melhor do que esses dois cordéis para incentivar os alunos pela leitura.

A realização do nosso trabalho se deu em sala de aula na turma do 7º ano do ensino fundamental II. Tendo em vista, que nas minhas observações, analisei que os alunos não têm o gosto pela leitura, o que me motivou a ampliar a proposta é investigar possibilidades de diálogo entre os cordéis e representatividade negra na comunidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LEITURA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL

É urgente melhorar esse retrato, transformar o Brasil em um país de leitores é um desafio de toda a sociedade brasileira, é nas palavras de José Ângelo Xavier, Presidente do Instituto Pró-Livro, que apontamos a preocupação em pensar estratégias de melhoramento da leitura e da escrita em nosso país, ainda que os dados sejam preocupante, é o que aponta a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil ,que de 2015 a 2019 , 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leituras, passando de 104, 7 milhões para 100,1 milhões, acentuando o tom de alerta de que é preciso traçar metas, assegurar políticas e formar mediadores de leitura com ênfase na missão de despertar o gosto pela leitura nas gerações futuras.

Traçando um breve panorama da atualidade, se faz essencial refletir sobre a formação da leitura no Brasil em tempos de colonização, passando pelo país independente e revelando que a leitura sempre foi um privilégio de poucos.

Neste sentido, discutiremos *a priori*, *A formação da Leitura no Brasil* (2019), através das contribuições de duas importantes autoras que norteiam as reflexões sobre a formação leitora e o ensino de Literatura no Brasil, que são: Marisa Lajolo e Regina Zilberman. Assim, podemos enfatizar nas palavras das autoras, que observam com preocupação a leitura no Brasil:

Não que a leitura seja uma prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo das críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; **nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser** (Lajolo; Zilberman, 2019, p.20, Grifo nosso).

Lajolo e Zilberman demonstram preocupação com a prática leitora no Brasil, e essa preocupação não é recente. Aqui é cabível abrir parênteses para dizer, que a primeira edição da obra *A formação da Leitura no Brasil* é datada de 1996, logo, as autoras apontam para algo que perdura até os dias atuais, além disso, as mesmas apontam para uma anacronia que vai além da data da primeira edição da obra, aludindo ao fato histórico, que desde a separação de Portugal é que se reclamam

ações mais salutares por parte dos órgãos competentes que vislumbram a formação de leitores em nosso país.

Como mencionado inicialmente, os números são alarmantes no que tange a formação leitora no Brasil, corroborando para afirmar que: “nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser”. A problemática dos baixos índices de leitura em nosso país é histórica e social, e é urgente refletir acerca desses aspectos para colaborar na propositura de uma formação leitora mais adequada e significativa para os leitores e leitoras, sejam crianças, jovens ou adultos.

As respectivas autoras, ainda discutem em um capítulo integrante de *A formação da leitura no Brasil, A construção do leitor*, pois não basta falar sobre meios de produção da leitura, formação da literatura, autores (aspectos históricos) etc.; sem trazer para o trabalho crítico e científico, o personagem que pretendemos constituir no processo formativo das práticas leitores, seja o aluno, o professor que se constitui enquanto um leitor previamente formado, mas que deve está em constante processo formativo, ou até mesmo, os próprios familiares que devem fazer parte dos processos educativos dos filhos, netos, sobrinhos; ou outros membros da família.

Portanto, nas palavras das autoras “Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas” (Lajolo; Zilberman, 2019, p.24).

3 MULHERES: VOZES QUE ECOAM NA SOCIEDADE

Os estudos culturais têm dado visibilidade a pesquisas que façam iluminar os caminhos de mulheres obscurecidas pelo sistema patriarcal, razão que hoje podemos ouvir o reverberar de vozes anteriormente silenciadas, principalmente de escritoras que se utilizam da escrita de si para narrar suas vivências. Assim, podemos citar exemplos importantes de artistas e suas obras, que fizeram da escrita de si sua maior inspiração para criar, a exemplo de Frida Kahlo, que ao ser considerada uma artista surrealista, declarou: “Eu não sou surrealista, pinto a mim mesma, pois sou o ‘tema que mais conheço” (Herrera, 2011, p.12). Frida foi uma artista muito profícua, pintou mais de 200 obras, em sua maioria autorretratos. Não obstante, a artista ainda escreveu um diário que expõe outra mulher, não aquela que era vista por tantos, porém, uma mulher comum, que revelava suas fragilidades, angústias e que reverbera em uma mulher do cotidiano, que não necessariamente precisa ser forte e corajosa o tempo todo.

Já no Brasil, com grande notoriedade na contemporaneidade, a recém condecorada Doutora Honoris Causas, Carolina Maria de Jesus, deixou um legado registrado em formatos de diários, nos quais eram narradas as angústias e o cotidiano dela e dos seus na favela do Canindé em São Paulo. Estes são alguns exemplos de como a escrita de si proporciona uma potencialidade para gerenciar diálogos e reflexões acerca das vivências do cotidiano na produção literária.

Destarte, a escrita de si é pautada por um discurso que não se torna vazio ou neutro. É o que corrobora Foucault (1996), na sua teoria social do discurso, situando a narrativa discursiva enquanto um tecido social, que não é transparente, tampouco neutro, tratando-se ele mesmo enquanto objeto do desejo, assim, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (Foucault, 1996, p.10).

A essa forma de discurso a partir da escrita de si, argumenta Diana Klinger (2008), que o sujeito produtor do discurso realiza uma performance, pois exerce uma presença na constituição do discurso/texto.

A presença enfatizada pela referida autora, dá voz aos que por gerações e gerações foram os/as outros/as da história. Refletir sobre a literatura produzida por

mulheres em um empreendimento narrativo, que evidencia figura feministas que por muito tempo estiveram à margem da sociedade, sendo representadas e interpretadas através da escrita de si, se tratando de uma forma de fomentar a produção literária atrelada à teoria do discurso, bem como, pensar o conceito de lugar de fala (Ribeiro, 2017), e numa perspectiva moralizante dessa nova literatura tanto em sua produção, quanto em sua circulação e os impactos que tais produções inferem em suas leitoras e leitores.

Em se tratando dos percursos históricos, por parte da produção de discursos, durante um longo período da história, as mulheres tiveram seus espaços de direitos usurpados, desencadeando movimentos de lutas e resistência. Ao chegarmos na contemporaneidade, ainda é frágil afirmar que as mulheres definitivamente conquistaram um território intransponível com relação aos seus direitos sociais, é o que apontam os estudos de grandes estudiosas da luta feminista, a exemplo de Ângela Davis (2016) bell hooks (2020).

Infelizmente, essa ainda é uma realidade latente nas “veias abertas” das desigualdades sociais no que tange à figura feminina na sociedade. Todavia, ainda é possível enaltecer algumas conquistas no processo de façanhas por direitos das mulheres ao redor do mundo.

É através desses processos de lutas engajadas pelas figuras femininas, que atualmente elas são consideradas produtoras de cultura, não se tratando mais das “outras” de uma cultura. À guisa de lembrete, muitos são os destaques das figuras femininas nas engrenagens sociais. São mulheres políticas, empreendedoras, cientistas e entre tantos outros destaques sociais.

Pensando esse percurso em um terreno de algumas conquistas vitais para o empoderamento feminino, Constância Lima Duarte (2009), afirma que não foram poucas as adversidades enfrentadas pelas mulheres, estas subjugadas pela sua capacidade física e intelectual, sendo reduzidas a simples reprodutoras “naturais”, ou “anjos do lar”, para nos valermos da expressão narrada por Virginia Woolf. Assim, “foi necessário esperar que as mulheres tomassem a palavra, se impusessem no espaço público e pudessem por fim, construir as próprias representações” (Duarte, 2009, p.31).

Neste sentido, a palavra falada e escrita, se tornou arma de revolução nas mãos

das mulheres que pretendiam revolucionar e inspirar gerações. Nomes com fio reflexivo acerca da escrita feminina, Ana Maria Zukoshie Lúcia Zolina aprofundam a perspectiva da autorrepresentação das mulheres mediante o poder da palavra, rompendo com a perspectiva da mulher-objeto para enfatizar as mulheres enquanto sujeito, em um processo de subjetivação, assim, a escrita possibilita às personagens femininas uma focalização nelas mesmas e, a partir disso, a transposição da condição de mulheres-objeto para mulheres-sujeito, assumindo o controle de si e de suas próprias vidas” (Zukoshi, Zolin, 2020, p.65).

Portanto, conforme as autoras, as mulheres e as letras sempre foram propensas a realizar revoluções mediante a linguagem, não mais uma linguagem voltada ao homem e a neutralização da figura feminina, mas de modo plural, democrático e participativo, em uma perspectiva catalisadora, que direciona forças para empoderar e ser mulher na sociedade.

Em razão disso, pensar esses conceitos, essas chaves interpretativas para ler literaturas de cunho político, é também pensar caminhos a serem trilhados, e sobretudo, provocar uma ruptura, e que pretende paralisar processos de conquistas e de muitas lutas, por isso é imprescindível abrir espaços formativos que evidenciem obras e autoras engajadas como Jarid Arraes, que é tomada por exemplo, pois a mesma resgata memórias de forma muito séria e publica-as, enquanto retratos fidedignos de mulheres silenciadas ao longo da história “oficial”; reverberando consciência de si em suas leitoras e leitores.

Assim, refletimos sobre a assertiva de Mello (2018):

Concomitantemente as produções femininas nas poéticas populares alinham-se à história das mulheres do Brasil. O seu trajeto social testemunha o silenciamento e/ou o ensurdecimento «imposto» a todas as mulheres em determinado tempo histórico independente de classe social, econômica e étnica.

Diante dessa constatação apregoada por Mello (2018), é que produções literárias empreendidas por Jarid Arraes e tantas outras autoras mulheres, são de suma importância para romper silêncios e evocar memórias, que merecem espaço no cerne social, isto, enquanto uma reparação histórica para com nossas ancestrais e conosco.

4 LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

O processo educativo está quase sempre imerso em cobranças, testes e mais testes, seja em nível local ou nacional, tomemos como exemplo, a prova SAEB (Sistema de avaliação da Educação Básica - nacional); Avaliação Diagnóstica Integra Educação (Estadual-Paraíba); e entre outras provas e instrumentos avaliativos. Mas o que de fato é realizado enquanto prática formativa nas nossas salas de aula?

São muitas práticas exitosas, que carecem de destaque, uma delas é a metodologia que considera a literatura de cordel, enquanto uma importante ferramenta para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem mais dinâmicos e contextualizados com as vivências dos alunos. Neste sentido, em específico na região nordeste, o cordel é um elemento que perfaz a cultural local, diante disso, assevera Galvão (2001):

A Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar (Galvão, 2001. n.p.).

Portanto, qualquer trabalho pedagógico que se utilize da poesia de Cordel, pressupõe uma afetividade com a cultura popular, com as questões de narração (oralidade), e resgate de tradições do oral para a cultura letrada, além disso, as temáticas que podem ser trabalhadas a partir da literatura de Cordel são vastas, como nas palavras de Brandão (1991, p.5), de que “nada é estranho de Cordel.”

Enquanto aspecto intercultural, a literatura de Cordel abre possibilidade para o trabalho com as diferenças entre o que viria a ser uma literatura de Cordel brasileira/nordestina, traçando pontos convergentes e divergentes com relação a literatura de Cordel que tem sua gênese em Portugal, com relação a isso, é evocada a figura de Márcia Abreu (1999), que trata de maneira profunda e séria, os aspectos constitutivos dessa manifestação artístico-literária que aporta e se metamorfoseia em nosso país.

5 RELATO ANALÍTICO DA PRODUÇÃO DE CORDEL NO CONTEXTO ESCOLAR

5.1 ESCOLA JOSÉ BONIFÁCIO BARBOSA DE ANDRADE

A Escola U.M.E.I.E.F. José Bonifácio Barbosa de Andrade está localizada na Zona Rural do Município de Sumé-PB, Distrito de Pio X. É importante destacar que a escola é do/no campo e atende a estudantes domiciliados no Distrito de Pio-X e nas comunidades circunvizinhas.

Figura 1 – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barboza de Andrade.



Fonte: Arquivo do autor, 2024.

A maioria dos alunos são filhos de agricultores(as) e criadores(as). Nesse sentido, a cultura local está explícita principalmente na criação de caprinos, ovinos, bovinos, suínos e aves. Os agricultores mantêm a cultura da plantação do milho, feijão, fava e vários derivados de hortaliças.

Por ser uma unidade de ensino que atende um público que é predominantemente de comunidades que vivem no/do campo, a escola torna-se fundamental no processo de construção do conhecimento que impacta na vida de cada estudante.

5.2 PLANEJAMENTO

Figura 2 - Reunião de planejamento com o orientador.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Nesse primeiro encontro com o orientador e também com o tutor Ednilton, foi decidido como seria feita cada uma das etapas da pesquisa-ação. E também foi escolhido neste encontro, os dois cordéis que serviam como base para essa pesquisa, que foi o livro Jarid Arraes, onde a mesma traz a trajetória de 15 mulheres negras brasileiras contadas em 15 cordéis e as mulheres escolhidas foram Carolina Maria de Jesus e Dandara dos palmares.

5.3 APRESENTAÇÃO DOS CORDÉIS E DO LIVRO PARA OS ALUNOS

Figuras 3 e 4 - Apresentação do livro para os alunos e leitura dos cordéis.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Nesse segundo momento, foi o momento de apresentar para os alunos, o projeto e de mostrar para eles, o livro das 15 heroínas de Jarid Arraes e dos cordéis das duas mulheres.

Foi apresentado em forma de slides falando-se um pouco do livro e da história de Carolina Maria de Jesus e Dandara dos Palmares, os dois cordéis escolhidos para que foram escolhidos para se trabalhar com durante a pesquisa com os alunos.

No segundo momento os alunos folheiam o livro, e em seguida foi feita uma roda de leitura, onde alunos fizeram a leitura dos cordéis, após essa leitura, questionei o que eles tinham achado do livro e dos cordéis e eles falaram que adoraram.

5.4 ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO ENTREVISTA FEITOS PELOS ALUNOS PARA SER APLICADO NA SENHORA ESCOLHIDA DA COMUNIDADE DE PIO X

Figura 5 - Construção do Questionário



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Após uma pesquisa na comunidade de Pio X, resolvi escolher uma mulher negra da comunidade, para em cima da história dela juntamente com alunos do fundamental 2 da escola José Bonifácio Barbosa, para poder construir um cordel

contando um pouco da vida dessa mulher que foi dona Zefa preta morada do sítio Balanço.

Com isso, construímos um questionário com algumas perguntas para ser feita a dona Zefa preta, para ser feito em uma visita de campo até a casa dela.

4.5 AULA DE CAMPO - VISITA FEITA À DONA ZEFA PRETA

Figura 6 e 7 - Visita feita à dona Zefa Preta



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Juntamente com as turmas do fundamental II e do professor Edinilton, fizemos uma visita a casa da senhora Zefa preta, onde nesse momento foi um momento de socializar o questionário elaborado pelos estudantes. Onde os mesmos fizeram as perguntas para a senhora e ali com uma pergunta e outras ela foi contando um pouco da vida.

4.6 PRODUÇÃO DO CORDEL SOBRE DONA ZEFA PRETA E SUA REPRESENTATIVIDADE DENTRO DA COMUNIDADE



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Nesse momento realizamos em sala, uma aula expositiva e dialogada sobre a história da Literatura de Cordel. O objetivo foi mostrar a origem dessa representação cultural que é típica do Nordeste brasileiro, dando ênfase ao nosso contexto do Semiárido, em específico o Cariri Paraibano. Dando sequência em nossa ação, fizemos uma oficina para a construção do cordel, explicando todas as regras e etapas para a produção dos versos e estrofes. A princípio os alunos tiveram dificuldades na elaboração das estrofes de maneira individual, então, resolvemos construir de forma coletiva no quadro, assim, conseguiram desenvolver o cordel.

O cordel foi elaborado de acordo com a visita feita à Dona Zefa Preta, a qual citamos anteriormente. Portanto, segue a imagem da capa e as estrofes construídas:

Figura 8 - Capa do Cordel



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2024.

Estrofes:

É através do cordel
Que nós iremos contar
História de Zefa preta
Senhora espetacular

Que mora no sítio Balanço
E representa seu lugar.

Visitamos o seu lugar
E ela nos acolheu
Contou toda sua história
Do passado que viveu
Falou dos antepassados
Com quem sua arte aprendeu.

Dona Zefa conheceu
Com 12 anos de idade
Um senhor que fazia louça
Na sua comunidade
Foi assim que se encantou
Com a produtividade.

Depois de olhar à vontade
O processo de produção
Despertou o interesse
E também sua paixão
Fazendo suas panelas
De barro na região.

Foi incrível sua construção
Do barro fez a panela
Com as suas mãos de fada

Construiu pote e tigela

Dona Zefa preta fez

Sua arte com cautela.

Sua arte que é tradição

Ela contou um bocado

Sua infância foi sofrida

Naquele tempo passado

E disse que hoje não tem

Que siga o seu legado.

Senhora de alma pura

Que fez de arte a panela

Sente orgulho do passado

Quando sua história revela

E diz que não ninguém

Pra seguir os passos dela.

Dona Zefa representa

Um símbolo de resistência

Sente orgulho por ser negra

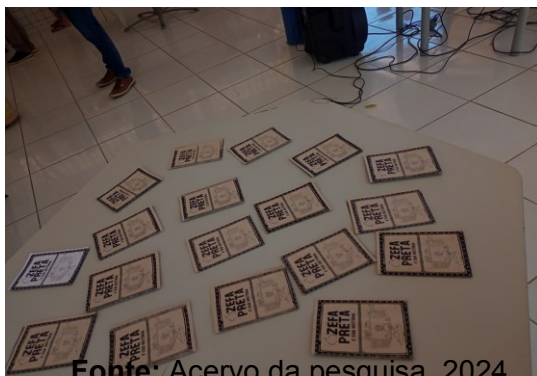
Fala e mostra sua essência

Puxando da sua memória

Relembra da sua história

Toda a sua experiência.

4.7 CULMINÂNCIA DE SOCIALIZAÇÃO



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Nesse momento da culminância do projeto, foi o momento em que os alunos declamaram as estrofes do cordel e socializaram com toda a escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos que o desenvolvimento deste estudo foi muito importante para a construção do ensino-aprendizagem. Sendo que, por meio da leitura de cordéis sobre a trajetória de duas mulheres negras brasileiras (Carolina Maria de Jesus e Dandara dos Palmares), notamos que os alunos construíram o conhecimento significativo sobre a vida dessas mulheres, a partir de versos e estrofes, que contribuíram para o desenvolvimento da prática de leitura e produção de texto.

Na nossa avaliação, os alunos demonstraram um maior interesse pela leitura através dos cordéis, graças às oportunidades proporcionadas durante o processo de mediação pedagógica e produção do cordel em sala de aula.

Inicialmente os alunos tiveram um impacto e relataram que não sabiam elaborar versos e estrofes. Mas, por meio das nossas conversas e construção conjunta no quadro, conseguiram produzir o nosso cordel.

Como resultado final da nossa pesquisa, as estrofes construídas pelos alunos de forma coletiva formam o Cordel intitulado “Zefa Preta e Sua História”, cujo os alunos expressaram de forma criativa, a trajetória de vida desta senhora que é artesã, rezadeira, contadora de história e representação viva da cultura da comunidade.

Portanto, percebemos a relação entre a interpretação dos cordéis lidos, já que tratam de histórias reais de mulheres que representam uma identidade e são símbolos de resistência em seus contextos históricos, com a construção do nosso próprio cordel que trata também de uma mulher que é uma figura ícone em nossa realidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Coleção Histórias de Leitura. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância. **O feminino fragmentado**. *In: Ipotesi, Juiz de Fora, v.13, n. 2, p.31-37, jul./dez. 2009.*

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si: Ditos e escritos**. Vol. V. Ética, sexualidade e política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense, 2004

GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: Um autorretrato íntimo**. Tradução de Mário Pontes; Introdução de Frederico Moraes. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil/ Marisa Lajolo, Regina Zilberman.ed. rev.** São Paulo: Unesp, 2019.

MELLO, Beliza Áurea. **Nova História do Cordel: a hora e a vez das vozes femininas nos folhetos**. IN.: PEREIRA DOS SANTOS, Francisca. **O Livro Delas**. Fortaleza: Imeph, 2020.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: Um autorretrato íntimo**. Tradução de Mário Pontes; Introdução de Frederico Moraes. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

Retratos da leitura no Brasil. Org. Zoara Failla.-1.ed.Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; ZOLIN, Lúcia Osana. **A escrita como processo de subjetivação feminina: uma leitura de O voo da guará vermelha (2005), de Maria Valéria**.

APÊNDICES

Questionário de Entrevista

1. Com quantos anos a senhora começou a fazer panelas de barro?
2. Qual foi o motivo que levou a senhora a fazer panelas de barro?
3. Qual o seu nome completo? E quantos anos a senhora tem?
4. Como foi a sua infância?
5. Com quantos anos a senhora fez a sua primeira panela de barro?
6. Quais são os materiais utilizados na produção das panelas de barro?
7. Como era a escola no seu tempo?
8. A senhora já sofreu algum preconceito por conta da cor da sua pele?
9. Tem alguém que continue fazendo panelas de barro?
10. Quem ensinou a senhora a fazer panelas de barro?

APÊNDICE 2 - Cordel construída pelos alunos e alunas.

